

Decreto nº 4976 de 28-10-1976



ARTº 1º

- XIII — RUA MARECHAL DUTRA — Presidente da República de 1946 a 1951 — a Rua 27 que tem início à Rua 28 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.
- XIV — RUA RAMALHO ORTIGÃO (1836 — 1915) — Escritor Português — a Rua 28 que tem início à Rua 1 e término à Rua 49 do mesmo loteamento.
- XV — RUA MARQUÊS DE ABRANTES (1796 — 1865) — Ministro do Império — a Rua 29 que tem início à Rua 26 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.
- XVI — RUA AMADEU AMARAL (1875 — 1929) — Ensaista e Poeta — a Rua 30 que tem início à Rua 26 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.
- XVII — RUA FREI SÃO CARLOS — a Rua 34 que tem início à Rua 33 e término à Rua 35 do mesmo loteamento.
- XVIII — RUA MENDES DE AGUIAR — Filósofo e Magistrado — a Rua 35 que tem início à Avenida 2 e término à Rua Nelson de Souza Bárbara.
- XIX — RUA MATIAS AIRES (1705 — 1770) — Escritor e Filósofo — a Rua 42 que tem início à Rua 55 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.
- XX — RUA MANUEL BANDEIRA (1886 — 1925) — Poeta e Escritor — a Rua 43 que tem início à Rua 52 e término à Rua 51 do mesmo loteamento.
- XXI — RUA TOBIAS BARRETO (1839 — 1925) — Escritor e Poeta — a Rua 44 que tem início à Rua 52 e término à Rua 51 do mesmo loteamento.
- XXII — RUA DOMINGOS BORGES DE BARROS (1779 — 1855) — Poeta — a Rua 46 que tem início à Rua 54 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.
- XXIII — RUA JOÃO FRANCISCO LISBOA (1812 — 1863) — Escritor — a Rua 49, que tem início à Rua 54 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.
- XXIV — RUA VISCONDE DE INHOMERIM — (1812 — 1876) — Jornalista e Escritor — a Rua 50 que tem início à Rua 46 e término à Rua 49 do mesmo loteamento.
- XXV — RUA MARTINS PENA (1815 — 1848) — Escritor — a Rua 51 que tem início à Rua 42 e término à Rua Alfredo Borges Teixeira.
- XXVI — RUA ADOLFO CAMINHA (1867 — 1897) — Escritor — a Rua 52 que tem início à Rua 55 e término à Rua 46 do mesmo loteamento.
- XXVII — RUA JOAQUIM MANUEL DE MACEDO (1820 — 1882) — Romancista Popular — as Ruas 53 e 54 que têm início à Rua 49 e término à Rua 55 do mesmo loteamento.
- XXVIII — RUA MANUEL ANTONIO DE ALMEIDA (1830 — 1861) — Escritor e Historiador — a Rua 55 que tem início à Rua Afonso de Taunay e término à Rua Padre Aranha.
- XXIX — RUA MARTINS TORRES — (1865 — 1917) — Sociólogo e Político — a Rua 56 que tem início à Rua 55 e término à Rua Nicolau Cerone.
- XXX — RUA JOSÉ JOAQUIM DE FRANÇA JÚNIOR (1829 — 1960) — Jornalista e Escritor — a Rua 58 que tem início à Rua Pedro Vieira da Silva e término à Rua Nicolau Cerone.
- XXXI — RUA RAUL POMPEIA — (1863 — 1895) — Jornalista e Romancista — a Rua 61 que tem início à Rua Padre Aranha e término à Rua 67 do Jardim Santa Genebra 1.ª Parte, e Rua 28 da Vila Miguel Vicente Cury.
- XXXII — RUA OSÓRIO FILHO — Historiador e Sociólogo — a Rua 64 que tem início à Rua 66 do mesmo loteamento e término à Rua Padre Vieira da Silva.
- XXXIII — AVENIDA SANTA GENEBRA a Av. 1 que tem início à Rua 1 da Vila Costa e Silva e término à Rua 29 do mesmo loteamento.
- XXXIV — AVENIDA PAMPLONA a Avenida 2 que tem início à Rua Domingos Cazotti e término à Avenida 1 do mesmo loteamento.



RUA MANUEL ANTONIO DE ALMEIDA

## M. A. de Almeida e seu centenário

28. NOV.

Há um século, no dia 28 de novembro de 1861, morria no naufrágio do vapor "Hermes", destruído nos recifes chamados Lajes da Táboa, no litoral fluminense, quando ia assistir à inauguração do canal de Macaé a Campos, como representante do "Correio Mercantil", aquêle que ficaria famoso em nossa literatura, como autor do romance interessantíssimo que intitulou "Memórias de um Sargento de Milícias".

A glória lhe viria de ter sido o precursor do romance cidadão, em moldes realistas, no pleno fastígio do romantismo, refletindo bem o gosto popular da época, no desataviado da forma, que êle poderia ter melhorado, pois sabia escrever e possuía cultura suficiente para isso, adquirida nos cursos feitos e no gosto pela leitura, tantas vêzes revelado.

Jornalista que foi desde cedo, escrevia com facilidade e prazer e a sua atividade na imprensa se evidencia pelas diversas tarefas a que se propôs e bem realizou, como folhetinista e crítico literário.

Que era homem ativo, curioso, empolgado pela profissão, se pode deduzir dessa mesma empresa em que perdeu a vida aos trinta anos, indo fazer a cobertura, como se diz hoje, para o seu jornal, da referida inauguração.

Já então era médico, fôra diretor da Tipografia Nacional, publicara em folhetins e depois em volume o seu popular romance, fizera-se respeitar como crítico literário e cronista, tendo ainda escrito várias poesias e um drama.

Não pertencia a grupos, prestigiava os valores reais e tem em sua biografia a nota curiosa de haver percebido Machado de Assis, no seu gosto pela literatura, quando o mesmo era simples aprendiz nas oficinas

da Imprensa Nacional, ao tempo em que era Almeida diretor da mesma.

Verifica-se assim como foi intensa a vida do imortal romancista, que já aos 17 anos ingressava na Faculdade de Medicina, onde se formou aos 24, tendo atrasado o curso em virtude, naturalmente, das dificuldades várias com que estudava.

Não obstante, na meia dúzia de anos que lhe restaram de vida após a formatura, trabalhou muito, impondo-se em vários setores intelectuais.

Com muita propriedade, assim disse o conde de Afonso Celso: "Manuel, Antônio de Almeida, pela variedade de seus talentos — desenhista, médico, jornalista, crítico, teatrólogo, poeta, romancista; — pela também múltipla aplicação da sua atividade — empregado da Fazenda, administrador da Tipografia Nacional, diretor de ópera; — pela sua morte prematura, inopinada e trágica; pelo seu esforço no trabalho; por seu conhecimento e amor das nossas tradições; por vários outros títulos, e uma das figuras realmente empolgantes e admirandas da nossa intelectualidade. De psicologia complexa e sutil, foi, sob mais de um prisma, um precursor dotado de penetrante intuição."

Patrono de uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras e de outra da Academia Carioca de Letras, vulto consagrado da nossa literatura, Manuel Antônio de Almeida bem merece ter devidamente comemorado o primeiro centenário de sua morte, que ora transcorre, a exemplo do que se fez em 1931, quando da passagem do primeiro século de seu nascimento.

Uma reedição de sua obra pela Imprensa Nacional de que foi êle diretor, uma exposição e outras solenidades comemorativas, seriam pois homenagens que bem merece o insigne escritor carioca, em sua data centenária.

N. C.



### MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

Manuel Antônio de Almeida nasceu no Rio de Janeiro em 1831, filho de um modesto casal de portugueses, e morreu em naufrágio, no litoral fluminense, em 1861. Estudou com dificuldade, tendo cursado pouco tempo a Escola de Belas-Artes. Formado em medicina em 1855, nunca exerceu a profissão; foi desde cedo jornalista, depois funcionário público, frequentando as rodas literárias, nas quais era estimado. O seu caso é interessante, por não corresponder ao tipo médio de escritor do tempo: escreveu pouco, não seguiu as modas, fez traduções e parece não ter ambicionado particularmente a glória literária. O seu único livro original, *Memórias de um Sargento de Milícias*, foi publicado em folhetins anônimos (1854-55). Destoa da ficção daquele momento pelo humorismo imparcial e mesmo amoral, pelo estilo coloquial, mas sem banalidade, pelo tom direto. Como estabeleceu Paulo Rónai, não se trata dum fenômeno de realismo antecipado, mas de realismo arcaico; uma narrativa inspirada nos romances de cunho picaresco dos séculos XVII e XVIII. Poder-se-ia ajuntar que as suas características são, porventura, devidas

também, ao fato de o Autor escrever sem compromissos literários. Era um amador anônimo, sem responsabilidade em face da moda reinante, contando episódios que lhe foram narrados por um companheiro de tipografia, antigo sargento de polícia sob as ordens do famoso Major Vidigal, personagem-chave no enredo do livro. Essa pureza espontânea, servida por um grande talento narrativo e uma absoluta falta de atitude, levou-o a despreocupar-se em "fazer estilo", e tornou a sua obra um exemplar raro e encantador das tendências realistas, em contraposição às que, no Romantismo, visavam à amplificação retórica e à fraseologia idealista.

O seu nome só aparece na 3.<sup>a</sup> edição, em 1863. Pouco apreciado na época, o prestígio do livro cresceu sem parar, até transformar-se num dos romances mais estimados da nossa literatura.

#### BIBLIOGRAFIA DO AUTOR:

1. Cronologia: *Memórias de um Sargento de Milícias* (anônimas), 2 vols., Rio de Janeiro, 1854-55 (aparecidas inicialmente em folhetins de jornal, 1852-53).
2. Edição indicada: *Memórias de um Sargento de Milícias*, organizada por Darcy Damasceno, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1962.

#### SOBRE O AUTOR:

- José VERÍSSIMO, "Um velho romance brasileiro", in *Estudos Brasileiros*, 2.<sup>a</sup> série, Rio de Janeiro, Garnier, 1904, págs. 107-124.
- Mário de ANDRADE, "Introdução" à edição Martins, São Paulo, 1941, págs. 5-19.
- Marques REBELO, *Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1943.
- Paulo RÓNAI, "Préface", trad. francesa das *Memórias*, Rio de Janeiro, Atlântica, 1944, págs. 5-12.
- Antonio CANDIDO, "Dialética da Malandragem", em *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, USP, n.º 8, 1970, págs. 65-89.

(Extraído de "Presença da Literatura Brasileira - I" de Antonio Candido e J. Aderaldo Castillo, 5a. edição, 1973, da Difusão Europeia do Livro, São Paulo)